

Aumenta preocupação com disseminação de superbactérias

Dois anos após a publicação do manifesto sobre disseminação de superbactérias no mundo, na revista médica *The Lancet*, o cenário não é animador, apesar de alguns avanços, segundo especialistas. O manifesto feito por profissionais e institutos de medicina, em 2011, chamava a atenção para o **uso indiscriminado de antibióticos**, o que pode levar a um quadro em que os medicamentos existentes tornem-se obsoletos.

"Nós estamos perdendo essas drogas", declarou a médica Rosana Richtmann, do Instituto de Infectologia Emílio Ribas e do Comitê de Imunização do Ministério da Saúde.

Richtmann destaca que basta pouco tempo para que se tenham relatos de resistência mesmo a antibióticos mais novos. "Eles (mecanismos de resistência) estão cada vez mais rápidos. Falo de questão de seis meses a um ano", informou. Ela explica que, com isso, os investimentos industriais estão mais voltados para doenças crônicas, como hipertensão. "Mesmo em relação a doenças infecciosas, desenvolver drogas contra hepatite ou fungos parece ser mais interessante, porque não tem o mesmo mecanismo de resistência da bactéria", avaliou.

O último caso registrado no País ocorreu em maio deste ano, quando foi identificada a presença do gene tipo *Carbapenemase New Delhi metallobeta lactamase* (NDM) em cinco pacientes do Hospital Conceição, em Porto Alegre. Em 2010, foram pelo menos 35 casos de contaminação pela superbactéria *Klebsiella pneumoniae carbapenemase* (KPC), no Recife. A médica infectologista destaca, no entanto, que para a grande maioria das bactérias existentes no Brasil os antibióticos existentes são eficientes.

DROGAS MAIS POTENTES

Essa característica faz com que algumas infecções comuns, como a urinária, exijam drogas mais potentes das que eram utilizadas anteriormente. "É uma infecção banal, principalmente entre mulheres, mas a gente está vendo que bactérias que eram sensíveis a antibióticos básicos já não são mais", explicou Richtmann. Outro exemplo destacado pela médica são as infecções provocadas pelo *pneumococo*, como meningite e pneumonia. "A gente sempre tratou com penicilina e agora estamos vendo que têm tipos menos sensíveis".

Richtmann considerou que o primeiro passo para conter o avanço das superbactérias começa por ações simples. "Todos os hospitais têm que ter hoje comissão de controle de infecção hospitalar. Antes de pensar em incentivar a indústria, novos fármacos, porque isso tem um custo elevado, é mais factível começar com o que nós temos", avaliou.

Se por um lado aumentou o controle nos hospitais e o nível de exigência para compra de antibióticos, por outro a indústria farmacêutica mundial **reduziu a pesquisa de novos medicamentos** que seriam capazes de conter essas bactérias multirresistentes. "Produzir antibióticos não tem sido um bom

PESQUISA

Postado em 17/06/2013

negócio. Gasta-se, por exemplo, R\$ 1 bilhão de dólares para pesquisar 10 mil novos compostos e chegar a um. Quando ele chega no mercado, a bactéria ficou resistente", explicou o médico Marcos Antonio Cyrillo, membro da Sociedade Brasileira de Infectologia. Em 2008, por exemplo, nenhum novo antibiótico chegou ao mercado, informou o infectologista.

A **resistência das bactérias** ocorre porque elas, diferentemente de outras doenças, são microorganismos vivos capazes de transmitir o gene de resistência. "Se temos dez bactérias no corpo, por exemplo, e nove são sensíveis ao antibiótico e uma é resistente, você toma o remédio e uma ficou. De 20 em 20 minutos ela se multiplica e vai transmitindo gene de resistência às filhas", explicou Cyrillo. Por isso, é fundamental que os pacientes façam uso do remédio no período e na dosagem prescrita pelo médico.

Fonte: Agência Brasil, por Camila Maciel.